



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio.-out. 2017

p. 313-326.

# *Sou fêmea, sou mulher: a trajetória de Sandra Flor, transexual e prostituta, rumo ao ideal feminino<sup>1</sup>*

Oswaldo da Silva Vasconcelos<sup>2</sup>  
Manuela do Corral Vieira<sup>3</sup>  
Danila Gentil Rodriguez Cal<sup>4</sup>

**RESUMO:** Sandra Flor, transexual e prostituta, narra sua trajetória de vida em meio a travestis no bairro do Reduto, em Belém, usando, para isso, as modificações corporais como um marcador da diferença entre ela e suas companheiras. O corpo como protagonista e narrador tanto daquilo que a trajetória vai concretizar, como daquilo que não será dito, apenas vivido. Toda a performatividade encenada, a busca pelo ideal feminino e o conseqüente surgimento da mulher serão analisados pelos pressupostos de Judith Butler (2003) e Berenice Bento (2006) que enxergam o corpo não somente como algo carregado de significado, mas como a história do indivíduo em si. Desse modo, Sandra Flor, nascida num gênero que ela não reconhecia como seu, reinventará, por meio de transformações corporais, principalmente, uma nova vida para si. O presente trabalho é fruto de uma pesquisa etnográfica, ainda em curso, sobre a luta por reconhecimento entre travestis que se prostituem no bairro do Reduto, em Belém (PA).

**PALAVRAS-CHAVE:** Transexual; Corpo; Memória; Performatividade; Travestis.

**Abstract:** Sandra Flor, transsexual and prostitute, tells her life story amidst transvestites in the neighborhood of Reduto, in Belém, using, for this, the body changes as a marker of difference between her and her companions. The body as the protagonist and the narrator of both what the path materialized and what could not be said, only experienced. All performativity staged, the search for the feminine ideal, and the consequent emergence of a woman will be analyzed by the theoretical assumptions of Judith Butler (2003) and Berenice Bento (2006), who see the body not only as charged with meaning, but as a result of the subject's story itself. Thus, Sandra Flor, born in a genre that she did not recognize as her own, reinvented, through body changes mainly, a new life for herself. This work is the result of an ethnographic research in progress on the struggle of transvestite prostitutes for recognition in the neighborhood of Reduto, in Belém (PA).

**Keywords:** Transsexual; Body; Memory; performativity; Transvestites.

**Resumén:** Sandra Flor, transexual y prostituta, cuenta su historia de vida en medio a travestis en el barrio de Reduto en Belém, utilizando, para ello, los cambios en el cuerpo como marcador de la diferencia entre ella y sus compañeros. El cuerpo como protagonista y narrador tanto de aquello que la trayectoria concretizará, como de lo que no será dicho, sólo vivido. Toda la performatividad encenada, la búsqueda del ideal femenino y la consiguiente aparición de las mujeres, serán analizados por los presupuestos de Judith Butler (2003) y Berenice Bento (2006) que ven el cuerpo no sólo como algo lleno de significado, pero también la historia del propio individuo. Por lo tanto, Sandra Flor, nació en un género que no reconoció como el suyo, reinventará, a través de las transformaciones corporales, una nueva vida para sí. El presente trabajo es resultado de una investigación etnográfica, todavía en curso, en la lucha por el reconocimiento de las travestis prostitutas en el barrio de Reduto en Belém (PA).

**Palabras clave:** Transexual; Cuerpo, Memoria; performatividad; travestis.

<sup>1</sup> Este artigo resulta da pesquisa de mestrado, ainda em curso, sobre a trajetória de um grupo de travestis que se prostituem no bairro do Reduto, em Belém (PA).

<sup>2</sup> Geógrafo, mestrando e bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, da Universidade da Amazônia. E-mail: osvaldosvasconcelos@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Antropologia pela UFPA. Docente adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: manuelacvieira@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação pela UFMG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: danilagentilcal@gmail.com

Recebido em 22/08/16

Aceito em 24/04/17

## 1. Pedacos de inícios ou pedacos de introdução

As histórias de vida que investigamos têm-nos dado a possibilidade de compreender as interações entre as travestis e suas mais diversas formas de sociabilidade. Contudo, neste estudo, a biografada é uma transexual, Sandra Flor<sup>5</sup>, que por sua vez se prostitui e é aceita no grupo de travestis. Filha de amazonenses pobres, ela iniciou suas atividades na prostituição aos 13 anos, inicialmente na Avenida Almirante Barroso, bairro do Marco, em Belém, e depois, convencida por uma amiga travesti, migrou para o bairro do Reduto, onde *batalhou* (BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2005) nas ruas mal iluminadas e desertas do bairro fabril, na capital paraense até os 27 anos. Procuramos compreender quais os aprendizados, disposições e tensões foram agregadas e reestruturadas nessa trajetória vivida. Determinadas construções hipotéticas, por nós elaboradas, orbitam em torno da ideia de que as experiências vividas no seio da comunidade de travestis, e no universo próprio que Sandra Flor enfrentou na adolescência e início da vida adulta, influenciaram-na à apropriações de disposições, valores e posturas, cujas combinações e recombinações têm uma dinâmica bem *suis generis* no que concerne às suas escolhas.

A particularidade dessa dinâmica refere-se ao fato de que esses dois grandes universos (o da travestilidade e o da transexualidade) não são tão parecidos quanto um olhar desatento pode fazer supor (BENTO, 2006). Trata-se, por conseguinte, de uma transexual cuja subjetividade foi-se construindo a partir de um *acaso*, como afirma Mariza Peirano (1995), que foi a inserção de Sandra Flor no convívio de travestis, ainda adolescente, e sua manutenção dentro do grupo, na fase adulta. Esse último estágio, sim, foi escolhido por ela, já que nesse momento a liberdade de ir para outras paragens é algo muito mais facilitado, muito mais possível, quando comparado à tenruidade da adolescência.

Em busca de princípios sócio-antropológicos que norteiem nosso estudo, localizamos as possibilidades de apreensão das disposições de uma transexual que é detentora de uma vida improvável, se levarmos em consideração os aspectos sociológicos que deságuam sobre uma estranha no ninho travesti. Contudo, o entendimento de como Sandra Flor adquiriu habilidades que não somente lhe autorizaram a permanecer no território alheio, como também a fizeram ser respeitada pelas demais não nos diz muito sobre uma gama de questões fundamentais para essa pesquisa e às quais só teremos acesso se privilegiarmos uma perspectiva narrativa. Algumas questões, por exemplo, são: Quais seus temores morais? Quais sentimentos existiam entre a

---

<sup>5</sup> Esse é o nome social da interlocutora, mantido a pedido dela.



nascente transexual Sandra em relação às companheiras travestis? Quais reflexões Sandra fazia quando a tensão entre ela e o grupo se materializava? Como Sandra lidava com a solidão e a constante sensação de sempre ser uma *outsider*<sup>6</sup>?

Uma jornada com significativas rupturas não pode ser realizada sem o necessário *olhar interior* (ZALUAR, 1985) sobre a comunidade em que se vive, a vida sonhada e o ser realizado. Contrariamente, entretanto, só um posicionamento normativo que conceda autoridade à narrativa e à expressividade do sujeito permite acesso às dimensões dos caminhos pessoais por ele tomado, levando em conta seus sonhos e desejos, que por sua vez pautarão determinada trajetória individual (PEIRANO, 1995). Entendemos que a narrativa é um meio privilegiado para que as escolhas e os projetos de vida sejam compreendidos, que por sua vez não são erguidos de maneira totalmente racional, nem linear, mas que se mesclam às ações e que exatamente por isso podem ser reconstituídos continuamente por meio de retrospectivas de eventos significativos, nos quais a memória é convidada a se expor, por meio de questionamentos e toda a sorte de interesses do pesquisador (HALBWACHS, 2010). Ao mesmo tempo, toda narrativa é uma ficção. Por isso, esse estudo não pretende contar a verdade sobre a vida de uma trans em meio às travestis, mas sim analisar alguns pontos dessa vida vivida, dessa vida inventada e construída.

Em concordância a esses teóricos e teóricas, englobamos, ainda, os estudos de Cornelia Eckert e Ana Luiza Rocha (2005) sobre a construção etnográfica de trajetórias de sujeitos alicerçadas no que as autoras classificaram de “etnografia da duração”, que tem sua razão de ser na urbe, pois é aí que os sujeitos urbanos desenrolam suas vidas, arquitetam suas existências (ECKERT; ROCHA, 2005). A memória tem importância crucial na confecção de trabalhos que comungam de tal corrente etnográfica, pois elas entendem, bem como Maurice Halbwachs (2010), que a memória coletiva é a nascente da memória individual que, por sua vez, é articulada na intriga, na densidade das tramas dos seres citadinos que transformam a cidade com a paixão da vida exercida.

Narrar a trajetória de sujeitos urbanos<sup>7</sup>, segundo Eckert e Rocha (2005), traz à baila, para pesquisador e pesquisado, o ato de “rememorar” e “antecipar”, pois tanto quem faz a investigação

---

<sup>6</sup> O uso desse termo faz referência ao cunhado por Becker (2008), quando esse afirma que os sujeitos, ao mesmo tempo em que produzem regras, exigem seu pleno cumprimento. Há a naturalização dessas regras sempre no intuito da (re)produção social das mesmas e aos meandros que regem a solidez de rótulos que serão classificados como desviantes.

<sup>7</sup> O constante destaque à “vida urbana” que é dada pelas autoras não despreza um provável passado rural que determinado indivíduo venha a ter, mas elas destacam que, por mais que isso seja possível, é na cidade que as relações serão intensificadas, de modo que esses indivíduos, genuinamente urbanos ou urbanos radicados, concentram na metrópole a plenitude da experiência vivida (ECKERT; ROCHA, 2005).



quanto quem é alvo de, lançam mão desses recursos de maneira fluida, o que ajuda a descortinar as sombras da experiência vivida. As etnografias realizadas em ruas, bairros, festas, de acordo com as autoras, precisam da rememoração e da antecipação, num movimento dialético, para que as memórias venham à tona (ECKERT; ROCHA, 2005).

Phillipe Lejeune (2014), ao considerar as narrativas de si, afirma que tornar pública uma história de si é trazer o leitor para perto, mas não somente isso. Relatar uma história é resgatar um passado, tornar vívido o vivido, ampliar o conhecimento sobre e de si. Ora, os relatos de Sandra sobre partes cruciais de sua vida, como a infância, por exemplo, expõe não somente para ela, mas para a pesquisa em si, a trajetória percorrida até ali, redimensionando um futuro sem deixar de lado as feridas e cicatrizes do passado centrado em sua sexualidade então indeterminada, justificando a trajetória percorrida. O pacto criado entre Sandra, a protagonista, e eu, o pesquisador, tem no relato o elo primordial entre dois universos culturais (LEJEUNE, 2014).

Dito isso, recorremos ao pensamento de Halbwachs (2010), pois as memórias aqui relatadas, mesmo que tenham sido vividas na coletividade, dentro da lógica com a qual o autor dividiu as memórias, mantém a aura individual, ora insular, ora hermética. Sandra, ao falar sobre si, vai referenciar sua vida tendo por base os pressupostos exteriores ditados por uma ordem que já existia antes dela. Dessa forma, ao (re)visitar suas memórias, Sandra montará pequenas peças soltas de suas experiências que, por sua vez, estão ligadas a subjetividades várias, mas que juntas farão o sentido da vida, da sua vida (HALBWACHS, 2010).

A história de Sandra Flor coloca desafios à tese de que a ação individual é resultado de um processo pré-reflexivo a uma situação objetiva (BERGSON, 1999). É certo que a contextualização cotidiana de dados existenciais – quem eu sou; por que fui levado a ter essa vida, dentre outras – petrificaria qualquer ação rotineira. Contudo, sem a problematização de questionamentos existenciais que possam agir sobre o mundo, qualquer trajetória de vida seria impossível. São essas motivações afetivas que levam Sandra Flor à ação, que a fazem ser a capitã da nau que caracteriza sua vida.

O simples fato de possuir sonhos, desejos, ambições, não leva, outrossim, qualquer existência rumo à linearidade. Os infortúnios, as crises e as frustrações podem ser responsáveis por pontos fora da curva ou simplesmente um retorno. Uma meta também pode sofrer alterações profundas ao longo do percurso. Depois de tantos percalços e rearranjos de valores ao longo do caminho, ela diz ter logrado êxito, mas reviu o valor da liberdade sonhada após experimentar os doces e os amargos que a vida lhe fez experimentar. É o que percebemos nessa análise ficcional de sua biografia.



Recentemente, para a nossa surpresa, a pesquisa e uma série de relevâncias a ela direcionadas, desencadearam, por motivos que explicitaremos mais adiante, uma reviravolta na vida pessoal e profissional de Sandra Flor. A interlocutora fazia parte de uma pesquisa anterior, realizada por mim entre os anos de 2008 e 2012, sobre as práticas de prevenção de DST/AIDS e a travestilidade, para a conclusão da graduação em Saúde Pública. Para o mestrado, Sandra foi novamente procurada, mas, como dito anteriormente, a vida dela passara por transformações significativas. Diante disso, voltamos a acompanhar mais de perto, e com profunda reflexão, suas narrativas, para buscar traços não observados.

Expondo melhor esse ponto importante: as idas ao território de prostituição onde Sandra batalhava, como também os encontros que tivemos fora desse ambiente, colocou-nos em contato com seus conflitos, aflições, desejos e receios a possibilidade de fazer a cirurgia de transgenitalização<sup>8</sup>. O processo que analisamos é aquele concernente ao afeto pelo corpo<sup>9</sup>, pelas disposições e pelos mitos sedimentados acerca da cirurgia de “mudança de sexo”. Refazendo a trajetória por nós empreendida nas ruas do bairro do Reduto, analisando novamente suas falas e de algumas travestis que a conhecem, procuraremos detalhar o caminho que culminou com a guinada a qual nos referimos.

## 2. Pedacos do então passado

Tem lugares que me lembram  
Minha vida, por onde andei  
As histórias, os caminhos  
O destino que eu mudei...

Cenas do meu filme  
Em branco e preto  
Que o vento levou  
E o tempo traz<sup>10</sup>

Sandra Flor nasceu em 1983, na Santa Casa de Misericórdia, em Belém (PA). Os pais, amazonenses que migraram para o Estado paraense durante o governo militar em busca de melhores condições na porção oriental da Amazônia Legal, demoraram a se estabelecer na capital, fixando residência no bairro do Guamá, periferia da cidade. O movimento migratório feito pelos pais de

<sup>8</sup> Bento (2012) destaca o aspecto patologizante do gênero que é preconizado pelo Executivo ao tratar a população trans, pois além da cirurgia de “mudança de sexo”, entendido pela autora como o fim em si, existem muitas outras exigências protocolares que antecedem o processo transgenitalizador, como a terapia psicológica, testes psicológicos defasados e o uso constante de roupas do gênero identificado. Tudo de maneira obrigatória.

<sup>9</sup> Bento (2006), ao analisar o longo processo pelos quais as transexuais passam para que a cirurgia de “mudança de sexo” seja feita, percebeu que muitas delas criavam um apego pelo corpo masculino, mesmo sofrendo por possuí-lo. Esse apego estava relacionado ao medo do desconhecido, medo de não se adequar ao novo corpo, à nova genitália.

<sup>10</sup> Fragmento da música “Minha vida”, versão de Rita Lee e Roberto de Carvalho para uma composição original de John Lennon e Paul McCartney.



Sandra foi na contramão daquilo que preconizava o PIN (Projeto de Integração Nacional) empreendido pelos militares, que era a modernização da parte ocidental, visando o povoamento e desenvolvimento daquela região, criando, para tal, a SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus)<sup>11</sup>. O objetivo inicial do casal era trabalhar como batedores de açaí, mas acabaram mudando os planos, ele virando carroceiro, ela auxiliar de serviços gerais na Telepará<sup>12</sup>.

Passados cinco anos da chegada a Belém, o primogênito do casal veio ao mundo. Sandro Flores, o mais velho de três irmãos. Todos do sexo masculino. Os dois mais novos morreram numa troca de tiros com a polícia no município de Senador José Porfírio (PA), em 2006, quando a força policial desbaratou um local de desmanche de veículos roubados. Contudo, antes desse trágico desfecho, Sandra, que já manifestava desde a mais tenra idade comportamentos tipicamente identificados ao feminino, como o andar reboativo e o jeito afeminado, sofria com a severa vigilância dos pais:

Eles batiam aqui na prima. Meu pai dizia: vira homem, moleque, vira homem. Como se eu soubesse o que era virar isso ou aquilo. Eu nem sabia que eu era eu. Minha mãe era pior. Cabocla índia mesmo. Parece que a vó dela, algo assim, era índia. Mamãe era bem braba. Uma vez me pegou com a boca pintada de batom. Batom dela. Me quebrou na porrada. Eu tinha uns, sei lá, oito, nove anos. Não demorou muito e caí fora de casa. Fui fritar em outra freguesia. Mas quando meus irmão morreu, fiquei com muita pena deles. Muito escroto perder filho, ainda mais dois de uma vez. Ia visitar sempre, mas eles não me deixava entrar em casa. Mas eu insistia, fazia compra na taberna e deixava na porta deles e ia embora antes que eles aparecesse. Insisti tanto que hoje moro com eles de novo. Se eles me aceita ou não, eu não sei, mas eles me aceitam lá em casa, morando com eles (Sandra Flor, 25/02/2012).

Devido aos constantes conflitos em casa, muitos dos quais oriundos de seu comportamento desviante<sup>13</sup>, Sandra mergulhava em si, tentando compreender o porquê da agressão sempre constante dos pais, seja em ações ou palavras. Louro (2004) salienta que por mais que um arsenal de medidas controladoras seja elencado com o intuito da manutenção das regras heterossexistas, como os pais de Sandra faziam, mesmo que as atitudes deles sejam pautadas mais na “vergonha” que o comportamento que o então filho pudesse trazer para família, não existe a possibilidade de impedir que alguém subverta as normas. A subversiva Sandra, de maneira inconsciente, enfrentava

<sup>11</sup> Para uma análise aprofundada, ver Picoli (2006).

<sup>12</sup> Antiga empresa de telecomunicações do Pará, privatizada em 1998, durante o esfacelamento do sistema Telebrás, do qual fazia parte, no governo FHC.

<sup>13</sup> Por comportamento desviante, aludimos às performances realizadas por Sandra, conscientes ou não, como o jeito afeminado, a forma de falar e a preferência por objetos que a mãe usava, como maquiagens e sapatos. Desse modo, houve uma cisão no seio familiar, ficando a família de um lado, lutando pela manutenção da heteronorma, e do outro havia Sandra, sofrendo com as tentativas corretivas dos pais, que a transformavam numa *outsider* (BECKER, 2008).



a norma ditada em casa e era por seus pais repreendida, alvo sempre constante das “pedagogias corretivas e das ações de recuperação” (LOURO, 2004, p. 16).

Quando a vi pela primeira vez, encostada na parede frontal de uma fábrica desativada onde hoje funciona uma faculdade particular, na Rua Municipalidade, Sandra, hoje faço a distinção, trajava roupas diferentes das demais. Àquela altura, fiz a homogeneização que a sociedade, de modo geral, faz das pessoas que trabalham no período noturno na prática da prostituição, classificando-a automaticamente de travesti. Ignorava por completo não somente a hierarquia existente dentro do grupo<sup>14</sup>, como também a identidade de gênero dela. Meu contato com ela foi acidental, posto que durante uma animada conversa com um grupo de travestis, Sandra foi chamada por uma amiga a fazer parte do círculo. Antes de sermos apresentados, ela foi logo dizendo que não queria ser confundida, pois “era fêmea, super mulher. Olha pra mim, boy, e olha pra elas. Sou naturalmente fêmea” (Sandra Flor, 08/02/2012).

Disfarçando meu embaraço, continuei a conversa com as demais, sempre observando Sandra, que trajava um short com estampa de onça, blusa dourada com um provocativo rasgo nas costas e um lenço preto frouxamente amarrado ao pescoço, que tremulava agonizante ao sabor do vento naquela fresca madrugada. Equilibrava-se num pontiagudo salto alto, com as pernas juntas, braços caídos sobre a barriga, numa posição que lembrava a Lolita, de Vladimir Nabokov (2011), quando esta exercia sua “feminilidade ingênua e ao mesmo tempo demoníaca”. (p. 37). Movido pela curiosidade, questionei Sandra sobre ela ser “mais mulher que as demais”, uma vez que ali todas eram travestis, ao que ela respondeu com gestos apressados e gargalhadas estridentes:

Eu nunca me achei travesti. Pra mim, na minha cabeça, sempre fui uma fêmea. Aqui dentro do meu peito, da minha cabeça, é tudo de fêmea. Sou uma fêmea, mas Jesus me colocou nesse corpo de oco [homem], aí tive de consertar o erro dele, né? Tô quase lá (Sandra Flor, 08/01/2012).

Quando Sandra resolveu fugir de casa, aos 13 anos, para morar na casa de uma amiga travesti - que ela disse ter conhecido quando jogavam queimada no estacionamento do Estádio Olímpico do Pará, o Mangueirão -, no bairro do Jurunas, ela, Sandra, acreditara piamente ser uma

---

<sup>14</sup> Durante a pesquisa para a confecção da monografia em Geografia sobre o mapeamento do território de prostituição travesti no mesmo bairro, constatei que ele é formado por territórios menores e também por territorialidades. O grupo classifica a categoria travesti da seguinte forma: “viadinhos”: não são consideradas travestis pelas demais, pois ainda não passaram pela transformação corporal com a aplicação de silicone; “Belíssimas”: têm o corpo transformado pelo uso do silicone industrial e gozam de relativo prestígio; “Européias”: têm o corpo transformado pelo uso de prótese de silicone e são as mais respeitadas, além de gozarem do direito de usufruir dos melhores “pontos” para a prática da prostituição. Por fim, há as “Barrocas”, que são aquelas que sucumbiram às ações implacáveis do tempo. Podem exercer a função de cafetina, controlando o território, ou podem ser relegadas ao limbo, tudo vai depender da sua influência perante às demais.



mulher presa num corpo de homem. Dentro de casa, no seio de pais conservadores, jamais poderia exercer essa identidade, jamais poderia confessar isso, pois não conseguia exprimir em palavras aquilo que se materializa em seu ser.

Devidamente instalada na casa da amiga travesti, Sandra passou a se prostituir na Avenida Almirante Barroso, no bairro do Marco, em Belém. Ornava o corpo com roupas e adereços femininos e ia *batalhar*, sempre reforçando a quem perguntasse, travestis e/ou clientes, que era “mulheríssima”, não travesti. Nesse ponto, é salutar recordarmos do estudo de Don Kulick (2008), que analisou a prostituição de travestis em Salvador (BA) e constatou que travestis são hostis a “elementos estranhos”, pois dentro do território delas não há espaço para aquela/le que não seja travesti. O caso de Sandra é emblemático. Desterritorializada dentro do próprio lar e obrigada a compreender uma lógica familista e heterossexista que a punia por não ser aquilo que os outros esperavam que ela fosse, foi naturalmente aceita dentro do território travesti. Carol Luggeri, travesti, explica a aceitação de Sandra: “Não confiamos em muita gente. Mas essa bicha aqui é das antigas, já passou por muitas com as negas aqui. Nossa irmã” (Carol Luggeri, 08/02/2012).

O laço fraterno apontado por Carol Luggeri explica o processo de adaptabilidade de Sandra. Inicialmente alojada no bairro do Marco, ela migrou para o bairro do Reduto, galgando posição dentro do grupo, mas rejeitando se enquadrar nas categorias que as travestis insistiam em classificar-lhe. Ao ser questionada sobre o motivo de não conseguir se enquadrar nas categorias que o grupo adota, Sandra responde: “Elas colocam silicone, ficam bombadas, gostam do pau delas, essa coisa pavorosa balançando no meio das pernas. Credo” (Sandra Flor, 08/02/2012).

Larissa Pelúcio (2009), em sua etnografia sobre a prostituição travesti em São Paulo, explica o curioso trecho de Sandra sobre travestis “gostarem do pau delas”.

A travesti, como representante do feminino (...) não deveria, supostamente, ser a “penetradora” (...). Porém, na rua – um espaço não regulado no que se refere às práticas sexuais, justamente pelo fato dela ser comercial e potencialmente transgressiva –, esse desordenamento é aceito e pode mesmo até ser prazeroso (p. 104-105).

Na prática da prostituição, na qual muitos clientes buscam as travestis para serem penetrados (SILVA, 2008), é institucionalizado o uso do pênis como ferramenta essencial para gerar lucros. Daí advém o comentário de Sandra, mas como esta rejeita esse aspecto performático (BUTLER, 2008) e se assume como trans, o pênis assume uma lembrança dolorosa, chegando à beira do asco, como ela bem sintetiza:



Deus me livre e Nossa Senhora me guarde. Do erro de Jesus, essa é a pior parte, boy. Toda vez que me vejo nua eu evito olhar pra isso. Antes eu ficava nervosa, louca mesmo, com essa merda. Queria tanto uma cocotinha, sabe, uma bucetinha pra chamar de minha, mas vou conseguir (Sandra Flor, 08/02/2012).

No início de sua trajetória do bairro do Reduto, Sandra teve de conviver com dois conflitos, pois era considerada uma “viadinho”, posto que era menor de idade e não possuía nenhum tipo de silicone no corpo e também o não tinha a intenção de colocá-lo, fato que, ao seu ver, a incluiria na categoria travesti. Em sua lógica, mulher de verdade não precisa de silicone. Contudo, mesmo diante desses dilemas, o arrefecimento dos conflitos foi-lhe causando serenidade para solidificar a identidade trans tanto para si, quanto para as demais. Ainda adolescente e neófito no território de prostituição, Sandra buscou, informalmente, com as travestis que conhecia, informações sobre como poderia ficar com o corpo feminino sem usar silicone. Foi a partir daí que ela passou a ingerir, com 14 anos, progestogênio<sup>15</sup> e uma quantidade significativa de anticoncepcionais. Aos poucos, seu corpo franzino foi ficando arredondado e cheio. Contudo, os hormônios provocaram não somente alterações corporais, mas também psíquicas. Sandra era cotidianamente acometida por crises depressivas, como conta Eva DiMacedo, travesti da categoria *Européia*, companheira de prostituição:

A bicha chegava e ficava amuada no canto, parecendo uma osga envenenada. A gente perguntava: Viado, o que a senhora tem? E a bicha só chorava. Ninguém podia dizer nada pra esse fresco que ela ficava louca. Gritava, chorava, dizia que ninguém gostava dela, que tudo era lixo nessa vida. A bicha tava com o cérebro desaqueado [desarrumado] (Eva DiMacedo, 19/02/2012).

Esse processo de transformação ocasionado pelos hormônios impôs a Sandra algumas reflexões sobre seu corpo. Seu pênis, por exemplo, atrofiou a tal ponto que já não provocava tanta repulsa quanto antes e os seios ficaram tão arredondados que sua postura perante às travestis passou a ser nitidamente beligerante, uma vez que, no seu entendimento, ela alcançara um ideal feminino que a diferenciava das demais. Aqui, recorreremos a Thomas Laqueur (2001), quando este procura historicizar o sexo, refutando que ele nem sempre foi a fonte da verdade sobre o humano. Homens e mulheres, para ele, eram dotados de um prazer específico para cada um, consoante à vida social e emocional e que fossem apropriados ao “estado biológico de seus sexos”. Isso não ocorrendo, seriam menos humanos que a espécie dita normal, sendo relegados às categorias patologizantes (LAQUEUR, 2001, p. 76).

---

<sup>15</sup> Hormônio responsável pela maturação das glândulas mamárias e seios.



### 3. Pedacos do então presente

Eu sou navalha  
Cortando na carne  
Eu sou a boca  
Que a língua invade  
Sou o desejo  
Maldito e bendito  
Profano e covarde<sup>16</sup>

Após o término da pesquisa que resultou na monografia de conclusão em geografia não mais mantive contato físico com Sandra. Nosso elo foi sendo mantido apenas por telefone e esparsas trocas de mensagens de texto pelo celular. Entretanto, para a elaboração desse trabalho, tive de procurá-la para reafirmar alguns dados e descobrir outros. Ao chegar ao bairro do Reduto, como sempre fiz, descobri que Sandra havia partido para Florianópolis (SC). Procurei informações mais detalhadas com travestis que eram próximas a ela e foi Eva DiMacedo quem iluminou o caminho:

Boy, a bicha casou! É um babado tão doido que só uma garrafa de conhaque dos bons pra prima aqui conseguir falar. Tu lembras, boy, daquele viado escurinho que ficava ali no canto do Sesc junto com a bicha surda? Então, aquele viado perereca levou a bicha embora. Eles começaram a quebrar louça [quando dois homossexuais mantêm contato físico-sexual] do nada. Até onde a prima aqui sabe foi do nada. Um dia cheguei aqui no meu ponto e a bicha tava atracada com aquele viado escurinho. Todas riram da bicha. Eu chamei ela e disse: “Bicha, a senhora é desaquedada mesmo. Já é doida de se achar mais mulher que nós e ainda quebra louça com esse viado escurinho e sem luz, mais feminina que todas nós juntas”. Só matando, boy. Aí, um dia a bicha não apareceu mais. Só chegou a notícia que a bicha tava lá no Sul, vê se pode? (Eva DiMacedo, 29/03/2015).

Visivelmente surpreso com a informação, fui andando pelas ruas escuras do bairro em busca de alguém que pudesse fornecer um número de telefone com o qual eu pudesse entrar em contato com Sandra. Era preciso esmiuçar essas informações com precisão para, enfim, compreender a nova lógica que ela imprimira em sua trajetória.

Ao chegar à Rua Gaspar Viana, encontrei Carol Luggeri, que confirmou a versão contada por Eva, incluindo duas novas informações de que a travesti com a qual Sandra fora embora era “escurinha” e “machuda” demais para ser travesti, e que todas elas concordavam num ponto: Sandra estava procurando alguém que tomasse conta dela. Carol prometera conseguir o contato de Sandra, promessa cumprida cinco dias depois.

<sup>16</sup> Fragmento da música “Luxúria”, composta e interpretada por Isabela Tavianni.



A informação sobre o aspecto masculino, destacado por Carol, da companheira de Sandra é bastante comum em comunidades de travestis. Pelúcio (2009) afirma que mesmo que travestis façam uso do pênis exclusivamente para a questão laboral, a feminilidade é imprescindível, fato que pode, também, ser percebido no trabalho de Luis Carlos Alencar (2007), no qual as travestis afirmam esse caráter delicado e suave como constituinte da identidade travesti. Ao destacarem o jeito masculino e racial da companheira de Sandra, tanto Eva como Carol lançam mão dos *marcadores sociais da diferença* (MOUTINHO, 2014), como forma de imobilizá-la e incluí-la no grupo dos Outros (BECKER, 2008).

Com o intuito de esclarecer pontos na trajetória de Sandra, pensei em procurá-la o quanto antes. Contudo, após algumas reflexões, levantamos algumas possibilidades que pudessem levá-la a não querer falar, uma vez que as travestis afirmaram que Sandra, tão logo fixou residência na capital catarinense, exauriu quase que por completo o contato com suas companheiras de *batalha*.

Por fim, o contato foi travado. Sandra atendeu após três toques. Fui logo informando quem eu era de modo a quebrar toda a timidez mas, para minha surpresa, ela informou que eu a tinha abandonado, que prometera escrever sobre a história da vida dela e que sumira do bairro do Reduto. Após efusivas trocas de gentilezas, eu tentava encontrar uma forma de adentrar no assunto que realmente interessava. Mas não foi preciso elaborar plano algum, pois ela mesma anunciou:

Boy, eu casei. Tô te contando porque pode servir pra minha história que me prometeste, né? Saí da vida e tudo. Agora sou dona de casa e vendo Natura. Preciso ensinar mulher de verdade a ser toda trabalhada no jeito de mulher. Olha que mundo doido, né? Ensino a se maquiarmos, a olhar o boy sem perder o jeito de meiga. Eu ensino tudo. Eu tava confusa, aqui dentro da minha cabeça tava tudo confuso. Papai e mamãe tava me enchendo o saco, boy. Eu chorava igual uma vadia. Eu tava louca. Um dia, lá no ponto do Sesc, eu tava sentada debaixo de um pé de árvore, chorando, e aí a Melissa [esposa de Sandra] sentou e começou a conversar comigo. Deixei ela me abraçar. Depois tudo foi acontecendo tão acelerado que nem percebi. Me peguei apaixonada por ela. Aí, aquelas travas de uma figa começou a me encarnar, falando mal da Melissa, dizendo aquelas besteira toda. Aí a Melissa me disse que tinha vontade de vim pra cá pro Sul, diz que tinha parente aqui. Eu nunca saí de Belém, boy. Quando ela me perguntou se eu tava afim de vim, nem pensei direito. Eu aceitei na hora (Sandra Flor, 08/04/2015).

Como forma de atualização, é preciso que se evidencie novamente que Sandra enfrentava um dilema muito comum para pessoas trans, que é a possibilidade de realizar a cirurgia de transgenitalização. Contudo, como sinaliza Berenice Bento (2012, p. 53), “não existe uma ‘identidade trans’”, mas sim um conjunto de identidades organizadas dentro daquilo que a sociedade entende



como homem/mulher/transsexual de verdade. Nesse sentido, não somente para a sociedade como um todo, mas para a trans, ser uma “transsexual de verdade”, precisaria, necessariamente, passar por uma cirurgia. Entretanto, Bento (2012) e Colling e Sant’Ana (2014) destacam o caráter patologizante da transexualidade, que encarcera os corpos dentro da lógica do Estado que, ao invés de facilitar o processo de aquisição da cidadania da pessoa trans, organiza esse raciocínio dentro de uma série de preceitos que inviabilizam, ou tornam bem complexo, o acesso a ele.

Sandra afirmava que era uma trans, mesmo não tendo feito cirurgia, mas que gostaria de realizá-la, não pelo motivo de ser aceita ou não pelos outros, mas pelo fato de não tolerar um pênis entre as pernas. Mas esse raciocínio era volátil, como já foi destacado anteriormente, deixando o fator cirurgia no plano do secundário. O que de fato resultou numa mudança de postura perante a realização da cirurgia foi algo além das coisas práticas do cotidiano. Sandra, independente daquilo que desejou para si, sentia falta de um companheiro que a aceitasse como ela era, o que resultava em sucessivas crises depressivas, como ela mesma destaca:

Se eu ainda quero fazer cirurgia? Mas eu não preciso dela, boy. Sou mulheríssima, já te falei. Eu era confusa. Eu pensava assim, ó: vou colocar uma cocotinha e todos os homem vai me querer. Mas não é assim, né? Tudo é muito difícil no governo. Conheço trans que passa humilhação pra conseguir uma cocotinha. Minha cabeça tava doida. Aí eu conheci a Melissa, que disse que eu era perfeita do jeito que eu era, que não precisava de cocotinha coisa nenhuma. Eu lembro que fiquei olhando pra cara dela um tempão. Sei que pra ti, boy, que vive uma vida diferente, e pra muitas pessoa, nossa vida é estranha, mas não é. Eu sou igual todo mundo. Acredita em mim. Eu tenho peito, bunda e um pau bem pequeno. Minha esposa... é estranho falar em esposa, né? Enfim, a Melissa é travesti, ela diz que é travesti, e eu sou uma trans mulheríssima. Mas ela é ativa porque a mulher de verdade sou eu. A gente tá junto e se ama (Sandra Flor, 08/04/2015).

O que pode ser evidenciado, dentro da lógica dos “corpos inteligíveis”, proposto por Butler (2003), é que a relação que Sandra tomou para si é simples e fácil de ser assimilada. Ela pensava numa forma de realizar a cirurgia de “mudança de sexo”, mas gostaria mesmo era de ser aceita por alguém que a amasse como ela de fato era. A ojeriza que ela dizia sentir do próprio pênis foi a forma encontrada para burlar a falta de uma companhia que, tão logo apareceu, a fez abandonar a ideia de cirurgia. Bento (2006) afirma o que Sandra nos diz nas entrelinhas de suas práticas: nem todas as pessoas trans desejam fazer a cirurgia de “mudança de sexo”, o que muitas dessas pessoas desejam e se importam é com o reconhecimento de sua identidade de gênero, acesso ao uso de hormônios, alteração no nome civil. A patologização da transexualidade é, na verdade, uma



patologização da identidade de gênero, posto que é sistematicamente dificultada pelo Estado, mostrada ainda hoje como uma doença (BENTO, 2006).

#### 4. Pedacos do então futuro ou pedacos de considerações

Então procurei  
Pelo teu cheiro nas ruas que andei  
Nos corpos dos homens que amei  
Tentando em vão te encontrar<sup>17</sup>

A trajetória aqui narrada, na qual pululam experiências que jazem no âmago daquela que a vive, Sandra Flor, nos coloca num campo impensável, em que as razões, as lógicas, as exatidões são postas de lado e tudo passa a ser relativizado (DAMATTA, 2010). Aquilo que levamos ao campo, que nos faz enxergar o Outro como alguém que precisa ser assimilado, aos poucos, vai transformando nossas certezas em algo próximo ao lacustre, pois as impressões deságuam, se misturam, são renovadas. Nós, pesquisadores, como bem destacou Bento (2011, p. 86), quando vamos a campo e misturamos nossas subjetividades às subjetividades de travestis e transexuais, nos transformamos em “travestis e transexuais políticos”. Sim, somos todas elas.

O percurso re(feito) traz inquietações que no seu bojo desconstroem as masculinidades e as feminilidades tão apregoadas e tidas como concretas, indo muito além daquilo que exercitamos na prática do cotidiano, pois um corpo, como definiu Foucault (2011a), é muito além de um depósito de experiências e vitrine do vivido. Um corpo é história, é onde é narrada a existência, palco onde as performances são encenadas, teatro Kabuki do real. Sandra Flor, que nasceu androceu, mas insistiu ser gineceu, provou que é possível, sim, perder pétalas, mas nunca a autoria de uma história. Os altos e baixos aqui narrados são ficções verdadeiras de uma vida que certamente é múltipla, diversa, que grita nos rincões país adentro, mas que são marginalizadas, encalacradas nas formalidades das sexualidades normatizadoras, detentoras de certezas, caçadoras de seres abjetos (BUTLER, 2008), mas que subvertem a lógica não somente fálica, mas panóptica (FOUCAULT, 2011b).

Sandra Flor é uma vida desviante. Sandra desviou dos pressupostos que insistiam em qualificá-la, em tatuar em suas costas a flor de lis que marcaria a heresia que sua existência significa para a ordem. Sandra sobrevive. Sandra vive. Sandra não é mulher. É mulheríssima.

<sup>17</sup> Fragmento da música “Volta”, composta e interpretada por Johnny Hooker



## Referências

- ALENCAR, Luis Carlos. *Bombadeira: a dor da beleza das travestis*. Documentário. Salvador, 2007.
- BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo – sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- \_\_\_\_\_. Política da diferença: feminismos e transexualidade. In COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.
- \_\_\_\_\_. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(10):2655-2664, 2012.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel. (Org). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas na atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- COLLING, Leandro. SANT'ANA, Tiago. Um breve olhar sobre a transexualidade na mídia. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral. *Transexualidades: um olhar multidisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2014.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza da. *O tempo na e da cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. São Paulo: Editora Vozes, 2011b.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2010.
- KULICK, Don. *Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- LOURO, Guacira. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *cadernos pagu* (42), janeiro-junho: 201-248, 2014.
- NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. São Paulo: Objetiva, 2011.
- PEIRANO, Marisa. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele – uma etnografia sobre a prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume, 2009.
- \_\_\_\_\_. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti. *cadernos pagu* (25), julho-dezembro de 2005, pp.217-248
- PICOLI, Fiorelo. *O capital e a devastação da Amazônia*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SILVA, Hélio. *Travestis – entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

